

QUARTA-FEIRA
Lisboa--14 de Maio--de 1930

5 To

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

208



sempre
fi **RE** *semanário humorístico*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

ATLAS REIS



NAS AGENCIAS
(Estas e que não são clandestinas)

F. Valença



Os ditos da semana



Oh! um gramofone Oh! um gramofone!... Ter em casa um gramofone que toca quando se que-re!... Ter o Tito Schipa e o Miguel Fleta, a Maria Alice e a Maria das Neves e todas as taidistas fechadas dentro duma gaveta, prontas á primeira voz para nos fazer ouvir uma voz de primeira!...

Onde ha dinheiro que pague tamanha ventura, uma ventura que faz morder de inveja toda a vizinhanca?

Desde que se inventou a maquina falante, o amor-se o aborrecimento, a enxada e o mau humor, acabou-se a eugenia, acabou-se a passiva-mente a sociedade onde a gente se aborrece. Para tudo tem remedio a grafonola. E só co-biar na maquineta uma opera-ção, comprimidos e dar á manivela.

Imediatamente reina a ale-gria. Pode a sociedade estar zombada, muda e seismati-ca, que não resiste ao comu-nicativo poder da grafonola. Bompe o disco e rompe a conversa, rompe a animação.

Estalfa-se a grafonola e es-talfa-se a sociedade, ambos á compila, a ver quem faz mais barulho, quem berta mais. E fala-se de tudo e ouve-se tu-do, menos a musica, menos o canto, menos o disco.

—Chega lhe corda.
E a zaragata continua, fa-lando todos ao mesmo tem-po, na intenção bem eviden-te de não deixar ouvir o Schi-pa, nem o Fleta, nem a Ma-ria Alice, nem a Maria das Neves, nem Deus Nosso Se-nhor se tivesse a triste ideia de querer dizer duas palavras aos circunstantes.

Muda o disco.
— Ah! Toca aquele da «Me-dia Luz»
— Não. Esse não. Toca os «Barqueiros do Volga».
— Não. Antes um tango
— Antes um «charleston».
— Antes um shimmy.

E no meio da maior alga-zarra «plase pelo «1812». E pronto. Na grafonola e na assistência reproduz-se a to-mada de Moscou. Faltam, é certo, os firos de canhão, mas o barulho não é inferior á da entrada das tropas napo-leonicas na capital da Russia.

Não ha mortos nem feri-dos, mas ha laringes avaria-das.

E a animação continua.
Acaba-se o disco e ninguem dá por isso. E a grafonola chia:

— Schiu, schiu, schiu, schiu...
De repente uma voz sobresai, afflicta, entre as outras vozes:
— Olha o gramofone.
Está tudo derreado. Para a

musica. Volta o socego, o si-lencio, porque a grafonola é uma especie de isco para a al-gazarra.

Oh! a grafonola! A grafo-nola!

— Mas para que diabo com-pra esta gente uma grafono-la?

— E para que as grafono-las saibam que nós outros tambem sabemos fazer barulho! Se elas falassem!...

A grande burla Peça de gran-de espectacu-lo, com varios numeros de varios ades, entre eles a cele-bre *travise da Confissão do Rei* e o interessantissimo *lever de rabat*. «Agora é que va-e comecar a lita», em scena no Campo de Santa Clara.

A peca não é para rir. An-tes pelo contrario. Não nos esqueçamos nunca de que, se a burla se não descobrisse, Alves Reis ainda era um ho-mem honrado. Isto mesmo di-ria o amigo Banana, mas tem seu que de filosofico.

Quantas outras estarão ain-da por descobrir?

Safa, que isto arrepia.

Ghandi A agitação na India continua. A Inglater-ra sabe o que póde e póde muito. Mas a gente da India confia no seu profeta e, quan-do a Inglaterra ameaça arrazar tudo, a India não se ate-morisa. Pensa confiadamen-te:

— Está cá Ghandi.

Anuncios O nosso fornecedor intrigou-nos na se-mana passada com o seguin-te anuncio, para o qual não encontramos explicação:

Quartos

Pouca utilidade. R. Sol. ao Rato, 315, 3.º.

Pouca utilidade? Se calhar isto significa como se costuma dizer, que não serve para coi-sa que se veja.

Sem trespasse

Cede-se capelista bem montada, tudo novo, com pequena habitação e facil pagamento. Carta ao n. 713, Rossi, 4.

Capelista bem montada, tu-do novo, habitação pequena, pagamento facil, é o mais que se pode desejar.

Ha, porém, uma coisa que não se entende: como pode ser sem trespasse se está bem montada?

Isto é o que se chama um pau por um olho.

Uma exposição Jorge Barra-das, o excelen-te artista e um dos mais apre-ciados colaboradores artisti-cos do nosso jornal, inaugu-rou ha dias no Salão «Opel», da Avenida da Liberdade, a sua exposição.

Não tiveram os que traba-lham no *Sempre Fixe* a dita de ser convidados para a inauguração da exposição de Jorge Barradas, que nesta ca-sa todos estimam e admiram.

Mas... lá fomos...
E gostámos francamente, porque Barradas é, entre os artistas desta geração, uma fi-gura de grande relevo.

Soma e segue... Já tinhamos uma excelente maquina «Elite» e o neces-sario café da «Paulistana».

Porque nos faltassem as chavenas e as colheres a casa José Alexandre, do Chiado, com uma gentileza que nos captiva, enviou-nos duas bo-nitas chavenas e duas colhe-res em «Cristoffle». Não con-tente com isso, e porque o assucar nos devia fazer falta, foi á casa Jeronimo Martins e comprou 50 centavos dele que nos remeteu tambem.

Agradecemos a gentileza. Mas vozelencias hão-de con-cordar que para tanto café... o assucar é muito pouco.

Pinta, pinta, pinta bem...



Uma boa pinta que se pinta para o mais pintado

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A PROPOSITO das «prezas» teatraes da «troupa» que anda a patear peças a nascerem, contam-nos o seguinte episódio, cuja veracidade podemos garantir.

Na «première» duma comédia no começo da época e no final do segundo acto, heve um pronuncio de «pateada». Claro está que partiu do tal grupo de que vimos falando. Um dos pateantes, logo que amainou a tempestade, diz para o amigo do lado:

— Vamos ali, ao T., dizer à M. e à I. o que aconteceu. Devem ficar contentíssimas...

Lá foram. Ao voltar, relataram aos outros, entre rizadinhas, o que havia sucedido.

— Já lhe dissemos que a peça tinha sido «pateada»... Estão vingadas...

Isto — atacam-nos — foi textual.

E' bonita esta acção? O que revela quem assim procede? Não classifiquemos.

Apezor de termos sido procurados para explicações... e a nossa conversa ter sido, talvez, mal interpretada, aqui deixamos mais este caso, que nos parece edificante.

Cada um tem o direito de gestar ou não; tem mesmo o direito de manifestar o agrado ou o desagrado; mas tem o dever de não incomodar os outros e de ha muito que os outros — e desses fazemos parte — estão sendo incomodados.

Se ha entre os do grupo quem não concorde com actos como o que acabamos de relatar, que se desligue dele, ou, então, não tome atitudes... Para se sacar responsabilidades de outrem, é necessario mais cautela... Temos consideração pelas pessoas, quando elas o merecem, quer pelo que dizem, como pelo que fazem. De contrario, somos obrigados a enfiar tudo pelo mesmo cordel...

BEM bastava ao J. L. o que bastava...

Agora, até anunciam que lhe vai cair em cima o Carmo e a Trindade...

Anda com pouca sorte o J. L.!

LE-SE num reclame teatral:

«O actor-empresario... poz em scena, com grande propriedade e um luxo asistido de scenarios a peça...»

Luxo asiatico?
A mentira começa a ser permitida. Mas deste tamanho, não. Demais, Marrocos não fica na Asia...

E' CONSOLADOR ainda ver que o publico não abandonou o teatro declamado. O exemplo mais frizante, está no successo da peça «Degredados». Fechou a sua carreira triumphal—51 representações seguidas— com uma casa á cunha. E' caso unico nos anns do teatro portuguez. Foi uma peça que transformou a bilheteira—durante as 51 noites—num velo d'ouro para a algibeira do R. M. e da V. V. a mais «auspiciosa» estrela teatral dos ultimos annos.

AFINAL já se sabe qual era o segredo que havia no Harem. Era o scenario do Mergulhão, que além

O gato e o rato...



... ou o cinema e o teatro

de ser do tamanho da légua da Povoa, em altura, e qualquer coisa digna de ver-se.

O G. P.—escreve uma gazeta— parece que está muito contente lá fora, mas quer vir cá para dentro... não se sabe bem por quê...

O PUBLICO não fugiu...
Ha noites em que se esgota a ópera, se enche consideravelmente a zarzuela e ainda fica publico para outros teatros que se estão defendendo muito razoavelmente. Não é necessario falar nos cinemas que deitam sempre por fora... Nem tudo está atacado pela crise... Nem as algibeiras dos que querem divertir-se se fecharam... Não setamos pessimistas... Não de vir melhores dias para o tea-

tro... Sabiam esperar, que é ainda uma forma de se ser feliz e de se acreditar num futuro risinho...

O acreditado jornalista, mestre de critica teatral e hoje devoto admirador do cinema, A. de A., escreveu um sensato artigo sobre «O cinema, escola de teatros», que abre com este periodo:

«Com ternosia, em que a vaidade e a estupidéz correm parelhadas, ha ad que attribui a crise artistica do teatro e concomitantemente a sua crise industrial (onde elas se ligam) a concorrência malefica do cinema. O unico vil ao ponto de apedalar de tempo ao teatro todo o louvor a que o cinema, pervertido, temia just. E a estupidéz e a vaidade são tamanhas que nem reparam em que es duas artes, embora distintas, nada do que nunca tem teve ao seu respeito, e simulação não, os mesmos artistas, que sejam actores que actores, e de um modo especial desde que nasceu a nova arte»

SCENAS DA SCENA

No Teatro Nacional

Não lembro, agora, o titulo da peça... Mas Augusto de Melo, que tem, graças a Deus, melhor cabeça e uma memoria sã, — pode dizê-lo. Tratava-se de certa remontagem que ele ensaiara, primitivamente. Mas havia na obra uma passagem de que já se esquecera inteiramente. Ora, da companhia, apenas um actor fizera a peça, e o Augusto de Melo, que o sabia e que ainda por cima tinha pressa, chamando-o, perguntou-lhe bruscamente: — «Veja você se sabe, ou se procura

lembrar-se, mas lembrar-se exactamente, que demonio é que faz esta figura nesta scena que estamos ensaiando...» — «Essa figura, — volve o interpelado, depois de curto espaço meditando — essa figura, se eu não estou errado, assobia.» — «Assobia! — estranha o Melo. Aqui, assobiar, soho jocundo!...» — «Mas não é isso.....» — explica o actor, singelo: — «Assobia, mas era para o fundo...»

SILVA TAVARES.

«daldade e negrões que se chamam o renovo, fil do e cantado...»

Aqui flea mais uma vez demonstrado que a «historia» do cinema ter sido a causa da crise artistica de que vem soffrendo o teatro...

O CCMHECIDO empresario Francisco Palma, que a geração anterior a posse, tanto elegiu, e de quem tanto se falava os dias de esplendor, mandou um dia publicar a seguinte tabela no T. da T.:

Mulheres a actriz P. por dar duas horas de trabalho... Multidão a actriz S. por ser substituída pela actriz T. Pedessemos actor S. a título de não se deixar substituir pelas actrices e pela da offensiva do teatro.

A bem de artistas de hoje, ha poucos actores que se deixem esbofetear pelos colegas. Se os ha... não se sabe nada... Fazer isso em casa... que é mais razoavel e dá menos nas vistas...

Ha, os escandalos do outros...

O J. A. — a sua festa — vai dizer-nos que é para De dentro ou na arte teatral?

FALANDO sobre critica teatral e sobre a maneira como ela hoje é exercida, ouvimos dizer alguns esta frase que reproduzimos para arquivo.

— Dizer é mais diz-se depressa; dizer porque é mais leva seu tempo e é mais difícil.

DISSERAM que numa revista em scena, havia uma grande falha... Não tinha falados. Ha dias é nos.

«Na revista... vai estrear-se a parelha de oitão...»

Afinal a bola ja barba...

POEQUE para a critica do uma noticia de que o artista a saída dum artista dum companhia e se diz que ha de serem acordos, se pensa logo.

— Dizer, para a critica, se um empresario, a critica, a critica, a critica.

Porque para a critica, quando se diz que se deixou a seu pedido, nos comentamos para o lado.

— Por, sim, to, corrido e agora diz que não para sair.

QUANDO voltam a trabalhar algumas das nossas melhores figuras teatraes, que estão sem teatro e sem contracto?

Esta pergunta é dirigida a alguns empresarios teatraes que não sabemos onde têm os seus conhecimentos técnicos.

Referimo-nos, principalmente, a P. B. e a A. de C., dois grandes nomes da scena portugueza que estão em casa... E, no entanto, está a trabalhar cada um... que bem merecia estar no repouso... eter-

O HOMEM DAS 5 HORAS.

Eles que o dizem...

O popular teatro Joaquim d'Almeida, ali, ao Rato, ha pouco demolido pelo camartelo municipal, morreu sem historia e pobresinho. A scena nacional pouco lhe deveu, a estrangeira nem sequer por lá a sua. Todavia, do ultimo periodo da sua curta vida a contar com as scenas de Hollywood, que a sua obra deixou aqui, o populoso bairro, alguma coisa ficou da sua existencia — a lembrança.

A proposito do teatro ser todo de madeira, desde o seu arranjo, alguém me disse um dia: — Um teatro immoral!

— Imoral porque?
— Porque é feito de pau...
— E que tem isso?

— Você não conhece aquela velha historia do *So-la-jó-lo de pau?*
— Não, conheço...

— Pó! O teatro está no mesmo estado tal e qual. É um teatro de tal e qual e um teatro moral.

Não concorda? Era tal logico, é claro; todavia, era um argumento, e quem assim raciocinava lá tinha as suas razões, tanto mais que era frequentador assiduo dos fites que ali se exibiam.

Ainda a proposito do mesmo teatro... de madeira:

Certa vez que fui ao Joaquim d'Almeida assistir a uma sessão cinematografica fiquei surpreso por ali encontrar, ja mãe de três filhas, uma pequena que me conhecia ha um bom par d'anos. Merava ela, então, numa travessa ali para os lados do Campo de Santana.

— Então por aqui? — lhe disse eu em pulsa de cumprimento, acariciando-lhe os mecos.

— É como o senhor está vendo... e não me veio por aqui... e mostrava com uma certa vaidade o ventre promissor dum novo fruto.

— Então veio aqui?

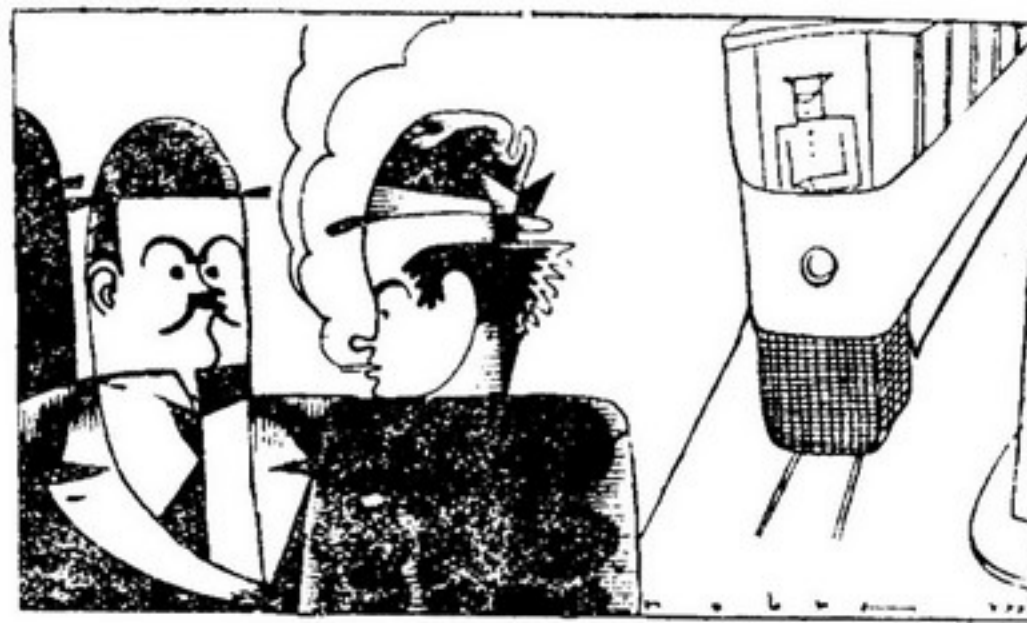
— É verdade... Pois olhe que entou bastante. O senhor sabe... aquela Travessa... aquele andar-me dali para arrumar novo. Quando lá morava, os rapazes que passavam na travessa sorriam e suspiava se me viam a janela, e quando fora do sitio arranjava algum namoro, dizia que eu lhes dizia onde morava... ai pos para que te quero!...

— E o seu marido? — perguntel-lhe, para dizer alguma coisa e d'aterrar o riso.

— O meu marido é... Bem, muito obrigado. Olhe que é um perfeito homem, não desfazendo. Não parece que é da Ponta Delgada.

— E então que tem isso?

— É que os da Madeira são maridos...



— Cumpra os desejos do medico: só bebo duas vezes ao dia.
— Sim?! Bravol...
— Duas vezes apenas: quando como e quando não como.

A entrega da chave do André

Havia 13 anos que Silvano André, o adepto Silvano, era caixeiro-viajante da respeitavel firma da no sa praça H. J. Silva & Silva. Desses anos de viagens constantes atravez do Alentejo e das Beiras, era escarranchado sobre as malas preches de mostruários, aos solavancos dos carros alentejanos, ora encafuado nos compartimentos de 2.ª classe dos comboios correios, aqui assaltado pelos perseguidores no quarto dum hotel, noutra mão comido pelas pulgas, mas sempre alegre, rubicundo e feliz, tendo sempre uma historia picante para contar ao freguês, enquanto ia estendendo sobre os balcoes os taboleiros das amostras.

Os outros empregados do armazem invejavam-lhe a sorte.

E lá se fez feito socio da casa!... Aquilo era questão de mais ano menos ano — diziam os empregados entre si.

De facto, no fim daquele ano, a respeitavel firma H. J. Silva & Silva chamou o Silvano a um canto do armazem e falou-lhe mais ou menos nestes termos:

— Sr. Silvano, queremos dar-lhe uma recompensa pelos seus trabalhos e recebemos, por isso, associá-lo. O senhor deixa de viajar e fica a tomar conta do armazem. Tem, a partir deste ano, uma parte nos nossos lucros. Aqui tem uma chave. Desde hoje pode «servir-se» daquele compartimento que nos era reservado.

Numa das divisões do armazem havia, efectivamente, dois cubículos separados por uma frágil divisória de madeira, um destinado as «necessidades urgentes» de pessoal, outro as dos patrões. Desta era usado nos empregados utilizavam-se.

A entrega daquela chave era, pois, equivalente a assinatura de uma escritura publica.

Autorizado a ingressar naquele lugar o nosso SILVANO estava, desde lá, promovido a categoria de patrão. Patrão? Realizavam-se os seus sonhos dorados, de lá tanto tempo.

E Silvano, cada vez mais alegre, cada vez mais feliz, occupou o seu novo lugar, sobra os decaus do seu antigo.

De vez em quando, Silvano apalpar a chave. A chave a bastão do seu novo posto, lá estava. Silvano não a trocava pelo sceptro dum rei. Tinha comprado para ela uma corrente de prata, que prendia a um botão dos suspensórios por um presilha de cabedal.

Aquella chave era a sua gloria. Era a sua conquista ao fim de vinte e cinco anos de luta e de canceiras, como marçano, como caixeiro e como viajante.

Não se passava um dia que Silvano deixasse de utilizar a chave.

Quantas vezes deixara, de manhã, de repetir a chavena de café e largara a correr para o armazem. E que Silvano não queria perder a oportunidade de confirmar, satisfazendo as suas necessidades naturais, a posse do seu lugar dentro do patronato. E quando

dava a volta á chave, já aliviado, Silvano impava de felicidade. Continuava a ser patrão.

Assim decorreu um ano. Por fim Silvano quasi se esquecia da chave, impaciente pelo resultado do «Balanço», que tardava.

Um dia, finalmente, a aereadada firma H. J. Silva & Silva, pôde apreciar os algarismos e garatuças, que o guarda-livros, enfiado, amarelado, lhe apresentava — Lucros não havia.

«A concorrência, as baixas de preços» ia dizendo, gaguejando, o guarda-livros... Enfim um prejuizo de cuja quota-parte os srs. H. J. Silva & Silva não dispensavam o amigo Silvano.

«Não era só ser socio nos lucros, que diabo...» Silvano estava surrumbático. Perdera, subitamente, a sua proverbial alegria.

Depois, lentamente, tirando da algibeira a chave, aquella chave que tantas noites lhe appareceu em sonhos, como se fora de ouro e cravejada de pedrarias, olhou-a tristemente. Duas lagrimas lhe humedeceram as palpebras. E estendendo-a aos Silvas, disse: — Tomem, eu volto a servir-me da retrete dos empregados.

HORACIO.

Graça dos outros

— Ainda não sabes o Padre Nosso! Vem cá e principia...
— Padre Nosso, que estais no céu...
— Adianta! ou apanhas.
— Santificado...
— Siga, seu burro!...
— Seja o vosso nome...
* * *

No Juri:
O juiz, paternal, ao réo:
— Espero que seja a ultima vez que o veja neste recinto.
O réo, com interesse:
— Como? Pois V. Ex.ª pretende aposentar-se?
* * *

Ele — Quizera ter sempre as tuas mãos entre as minhas!
Ela — Devéras?
Ele — Sim, para tu não poderes tocar piano.
* * *

Ela — Estamos perdidos! O papá viu que tu me beijavas...
Ele — Pronto! Dá-me uma bofetada!...
* * *

— A mulher:
— Pedro, não deves quebrar se não coisas inúteis e velhas!
O marido:
— Se fosse assim ha muito que te tinha feito em bocadinhos...
* * *

No «restaurant»:
O freguês:
— Porque me poz na conta cinco escudos de prejuizos, se não houve nada partido?
O criado:
— E' habito cá na casa, porque os fregueses sempre quebram ou levam alguma coisa, ao verem a importancia da conta...
* * *

O patrão:
— Se fores esperar a minha sógra á estação dou-te vinte escudos.
O criado:
— E se ela não chegar?
O patrão:
— Então dou-te quarenta escudos.



— V. Ex.ª, minha senhora, val fazer o favor de me dizer como que-re que lhe corte o cabelo...
— Calado...



— E' um perfeito animal.
— Não acredito.
— Porquê?!
— Porque nada ha perfeito neste mundo!

Elevador da Gloria

No tribunal:
 O advogado do marido — Ela tinha um caracter infernal!
 O advogado da mulher — O marido, sim, era mau, absurdo, intolerante.
 O juiz — Então, senhores advogados, onde está a incompatibilidade dos caracteres, que é uma das causas do divorcio que estamos julgando?...

Ele — Os beijos são a linguagem do amor...
 Ela — Que calado estás, filho!...

Na escola:
 A mestra — Que fazias pela tua mamã, se pudesses?
 João, sete anos — Lavava-lhe o pescoço e mandava-a para a escola, para ela saber como estas coisas custam!...

O chauffeur — Qual é o numero da porta?
 O freguez — Não sei bem! Deve ser 24 ou 26. Olha, é a sede da Liga contra a gorgêta!...

Na rua:
 — Gatuno! Roubaste-me a carteira!
 — Fei por distracção! Hoje como é feriado, não trabalho!...

O pai — Então o menino cheira a tabaco! Não tem vergonha de fumar, sendo ainda tão pequeno?
 — Enganas-te, papa. Fei a mamã que me beijou!...

— Os homens têm sempre um pé maior que o outro?
 — Comigo dá-se o contrario.
 — Como assim?
 — Tenho um menor do que o outro.



Porque vem a tua irmã aqui todas as noites?
 — Para vê se arranja noivo, porque isto não se deve chamar *Tamariz, mas *Chamariz,.

Direito, Letras & Medicina

Ora pois!... Eu bem queria ir bater a outra porta. Mas os pedidos para continuar metendo o meu excellentissimo nariz nas *faculdades* mentais desta Lisboa á beira-mar plamada — são tantos e tão valiosos, que não ha maneira senão um tipo pôr-se a escrever *trêtas* noite e dia, até ir parar lá acima, a *Med'ca*, — a menos que o comboio seja indirecto, e a gente tenha que passar pelo Miguel Bombarda... E é que não ha *direito*, amiguinhos do diabo! Tenham do — nem que seja um dé de peito... Em paga, o do dito paga nos um *caixote* de *romantismo*... de agua do senhor Carlos Pereira... A ver se vem um tiposito que vos leve primeiro do que a mim... Como o outro que diz: *Morrer por morrer, morra o meu pai que é mais velho!*...

E agora, postas estas considerações a leia de *prefecio*, que é o posto que lhes compete, sigamos para os postos avançados. E muita atenção contra possíveis *gargos* *asfixiantes!*... Ponham a *mascara*... da *seriedade*, como *peçoas sempre fixo* que com *certeza são!*...

Faculdade de Direito

Aula de «Direito Civil». Deu já a

hora. O continue abriu a porta. Mas o mestre continua *dissertando*... E os alunos *impacientam-se* cada vez mais!...

Passam dois, três, cinco minutos... Todos os alunos tem os livros debaixo do braço... O continue voltou a *deitar a cabeça*... E o mestre, *imperturbavel!*

O artigo 15. do *Codigo Civil* português diz-nos que são *cidadãos portugueses*: 1. — Os que nasceram no reino, de pai e mãe portugueses, ou so de mãe portuguesa sendo filhos *illegitimos*; 2. — Os que nasceram no reino!...

Passam dez minutos... O *Campano*, a porta, *disserte* e faz *simas*... E o mestre *dissertando sempre!*

— Vejam os artigos 197, 207 e 217 do *Codigo*. E vejam os artigos 477, 497 e 133. E vejam tambem o *decreto* de 2 de *Dezembro* de 1910, artigos 1. e 3. E vejam *outra vez* o *Codigo Civil*, artigos 187, n. 3, 227 e 217!...

Uma voz ao fundo, alta e rápida: — *Quin!*...

Faculdade de Letras

Dois condiscipulos, um rapaz e uma rapariga, passeiam n's *corredores*, conversando *amavelmente*... *Balles*, *modas*, *cinemas*... O rapaz, que é *esperto*, leva-a para onde muito bem lhe *apotece*... Ela, que é *pretenciosa*, *deixa-se* levar com *delleitosos* *requebrs* de *frases* *requintadas*!...

Vão num dos mais *escuras* *sittos* do *escuro* *corredor*... E ele, a *propósito* não sei de que:

— *Howdy salt cat mol y nense!*... Ela dá um *salto*, *iraen da*. E *desfecha*:

— Você acha que eu, a *Alzira Soares*, a quem ainda agora *chamava* *simpatico*, um *amorsinho*, — sou um *maripanso*?... *Acna!* Pois va *chamar* *manhanso*!... E foi-se *embra*, toda *senhera* de si, a *sobre* *Alzira Soares*!...

Faculdade de Medicina

Houve um aluno que se *esticao*. E o mestre, *impaciente*, *dec'ena*.

E' por isso que eu sou de *opinio* que na *Faculdade de Sciencias* se deve *abrir* *especial* um *peco* mais. A *Medicina* é *dificil*, *muito* *dificil*. A *Medicina* não é para todos.

Com gesto largo, para o curso: — Os *senhores* não veem que a *Faculdade* está *situada* num *alto* (*Campo dos Martires da Patria*), e que lhe dão *acesso* *duas* *calçadas*, a do *Moínho de Vento* e a *outra* (como é que se *chama*?...), *aquela* do *lado* *esquerdo*?!... Os *senhores* não veem que é *necessario* *subir* *essas* *calçadas* para *chegar* *á* *cima*, *subir* *muito*, *subir* *todos* *os* *dias*?!... Os *senhores* não veem!...

Um *aluno* *atalhando*, *cerimonioso*: — *Vocelencia*, *senhor* *doutor*, *esquece-se* *de* *que* *ha* *escadões*?!...

DR. ARVASDECAR.

Coisas que se contam

Não constituindo já segredo dos deuses, a maneira como Mario Domingues fez ultimamente as suas originalissimas crónicas, focando e vivendo bem o «bas-fond», vem a proposito contar este episodio que define bem o «modus-vivendi» da reportagem do nosso camarada.

Mario Domingues envergou uma velha cambis de maritimo, uma boina caracteristica, e sem um vinco na algibeira, fez, além de um peditorio em forma, acreditar ao transeunte que era um pobre preto que tinha perdido o vapor, que se encontrava a braços com a miseria, etc., etc.

Recuplader praticas nas primeiras horas de trabalho, que é *consequencia* *normal*?

Muito E m, aqui o pano da *ca*, e o *senhor* *acta* *d'encarar-se* no *Cais* do *Sidre*.

Estaciona ali, com *arazo* *ou* *sem* *ele*, um *dos* *tais* *transeuntes*, que *tinha* *concorrido* *com* *uns* *coores*, para a *reportagem* de *Mario* *Domingues*.

Aproxima-se dele, um *preto* *verdadeiro*, como o *Mario*, mas um *pouco* *mais*, porque era *maritimo* *de* *verdad*, e *começou*:

— Meu *bom* *senhor*, eu sou um *pobre* *preto* que *perdeu* o *vapor*. *Peco-lhe* *qualquer* *coisa* para *ajuda* de *uma* *sopa* *ali* no *Judeu*!...

— O *filho*, não *digas* *mais*, vai *crerar* *outro*. Eu *bem* *te* *conheço*!... *es* o *Mario* *Domingues*.

— Namoro *pleno*, com *lua* *de* *mel*!...
 Ela: — Que *linda* *tu* *est* *namo* *o* *solo*!...

Ela: — *Nem* *a* *lua*?
 Ele: — *Não*! *Pelo* *menos*, a *casa* *dela* *parece-me* *mais* *pequena* *do* *que* *a* *lua*!...

Rimava e era *verdade*!...

— *Henriqueta*, já *viste* *a* *Greta* *Carbo*?
 — *Não*!
 — E o *garbo* *de* *Lillian* *Hall* *Davies*?
 — *Tambem* *não*!
 — E a *Greta* *Briseu*, já *viste*?
 — *Não*! *Maioreado*!...

— *Ernesto*, tu *que* *és* *meu* *amigo*, *empresta-me* *dinheiro* *para* *o* *combate*?
 — *Para* *onde* *vais* *tu*?
 — *Para* *Santa* *Coma* *Dão*!
 — *Então*, se *dao*, não *precisas* *de* *dinheiro*!...

SILVA TINTO.



— *Calcula* *que* *tem* *a* *garganta* *de* *prata* *e* *um* *coração* *de* *ouro*.

BERTI LIND
 IRMAO, Lda
 FOTOGRAVADORES
 TEL. T. 96
 T. DA CONDESA DO RIO
 LISBOA

A LEI SEXTA

do livro «As leis de foot-ball em versos»

OBSAIDE!

Aquela ponta esquerda era mantaco.
Eava sempre off-side. Algumas vezes
Um director, um tipo lá cardíaco.
Tava sempre tremendo.
Das que duram uns quatro ou cinco meses.
Apenhava medonhas eprimendas,
Punhava sempre á rima, como diz
O povo do campo que tá vulgar.
E mal o tipo infeliz
Tava a jogar, da ponta direita.
Era infalivelmente acertado,
Pôz a tara deslocado.
E o tipo não mudava do processo.
Era avesso.
Não sei porque motivo.
A meter na cabeça a laranja.
Ora um dia.
Um pedregal d'aquele disse assim:
—Olha, bem para mim.
Espere tu que é o estado.
—E sou, disse o citado
Ponta esquerda, perpetuo deslocado.
—Em casa vale a pena.
Tua mulher é Kasper, véia bem.
Quando te encontra já no patamar.
Alguem
Vem a cá de lá, de tua casa.
E esse alguem é um homem, um patife.
—E' claro, fôz em brava.
E vou-me a ele como a bife.
—Eu não me explico bem!
Tua mulher é Kasper e o fulano
E' jogador que está no meio dos dois.
Julga-se que ninguém
Possa ter depois d'isto algum enjano.
—Ora pois.
Minta mulher é Kasper, a Adelaide.
E' Kasper, e o fulano é jogador.
O' senhor professor,
Estou off-side.
Eu não sei se já vos disse.
Má á escusado dizer.
Que a ponta vale a morrer
Tava a parte do direito.

ZÉ MARIA.

Exemplares exgotados do «Sempre fixo»

Compram-se na Administração deste semanario, os numeros 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 28 e 196, que se encontram exgotados nos nossos arquivos.

QUEINUNES DUM PADECENTE

— Mentra, ha medcos que não sabem nada, dizia-nos ha dias, a uma das mesas do «Nicola», o nosso bom amigo Serafim de Melo Rodrigues Briteiros, modesto funcionario publico e pai de sete filhos menores.

—O' homem, sê comedido, não exageres...

—E' o que te digo. Sou uma das muitas victimas desses «benemeritos». Antes ficar debaixo de um camião a morrer instantaneamente do que cair nas mãos de certos medcos para morrer lentamente, como me está succedendo...

—Assustas-me, Briteiros. Sempre o teu eterno pessimismo.

—Não me interrompas e ouve. Depois, meu bom amigo, d'rás se tenho ou não razão para não acreditar nos medcos da minha terra.

E o Briteiros contou-nos, então, a sua triste historia.

—Engrilpou-se. Muita tosse, febre, nenhuma vontade de comer. Foi consultar um medico, amigo, por sinal, que o sossegou:

—Não te assustes, homem. Ainda não morres desta. Toma lá esta receita. Dentro de dois dias estás fixe e garantido.

Satisfeito, o Briteiros foi avar a receita á farmacia mais proxima e seguiu, á risca, as prescrições medicas.

—E melhoraste, interrogámos?

—Ao contrario. Depois de tomar o que o medico me receitou — 25 gramas de lactofosfato de cal; 0,07 de cloridrato de cocaina; 0,35 de codeina (base); 5 gramas de creosoto de fala redistilada; 2 gramas de alcoolatura de raiz de acónito; 20 gramas de Aboolatura de llimão; 10 gramas de alcool a 60° — senti-me pior, muito pior mesmo. Aumentou-me a febre e a tosse, passei a não comer nada, o que provocou um maior enfraquecimento.

—E depois?

—Conforme pude das pernas, fui consultar outro medico, a conselho dum amigo que dele me fez o melhor elogio. Volei a receita da pra-xe que aviel e meti cá para den-

tro mais um quilo de drogas, aproximadamente — 17 gramas de creosoto de fala pura; 200 gramas de tintura de salsaparrilha a 1/5; 0,33 de codeina cristallizada; 400 gramas de xarope de llimão; 17 gramas de lactofosfato de cal vermelha; 10 gramas de talco de Veneza e um q. b. de agua destilada.

—E sentiste alivios?

—Sempre pior, meu bom amigo, e, ao fim de um mês, depois de ter consultado mais dezasseis medcos, tinha eu emborcado mais o seguinte:

1.500 gramas de bicarbonato de soda seca na estufa; 600 gramas de ácido citrico pulverizado; 1.000 gramas de ácido tartárico pulverizado; 150 gramas de teobromina pura; 120 gramas de salpirina; 225 gramas de piramido; 125 gramas de cafeina; 125 gramas de sulfato quinino; 40 gramas de salol puro; 50 gramas de sacarina pura; 80 gramas de essencia de hortelã do Midl; 50 gramas de tintura de baunilha; 150 gramas de alcool a 90°; 175 gramas de carbonato de cal; 150 gramas de mentol cristallizado; 50 gramas de essencia de aniz estrelado; 10 gramas de essencia de gerânio; 120 gramas de oxido de zinco; 15 gramas de essencia de heliotrope; 30 gramas de lanolina anhidra; 70 gramas de vaselina branca; 60 gramas de agua de rosa; 10 gramas de agar-agar; 150 gramas de óleo de rícinos; etc., etc.

E o bom do Briteiros, espumando de indignação e de cansaço, levanta-se, dá dois socos na mesa e exclama:

—Já vês que tenho toda a razão para acreditar que «a sciencia mutila a vida». Esses vinte medcos deram-me cabo do organismo. Rebutaram-me cá por dentro e, agora, para minha maior desgraça, dizem-me que tenho de fazer a operação da apendicite e extirpar um rim...

E lá se foi o bom do Briteiros.

QUINTO LAMERA

A explicação

Em certo estabelecimento de ensino superior, o lente de determinada cadeira, não podendo por motivos particulares continuar a reger ás dez horas da manhã as suas aulas, mas não querendo pedir alteração do horario, sem ter uma atenção para com o respectivo curso, consultou um dia os seus alunos, expondo-lhes os motivos da mudança e propondo a passagem da aula para as nove horas.

E' claro que muitos se pronunciaram a favor e outros contra, alguns allás unicamente pelo prazer de discordar. Porém, entre os que não estavam de acôrdo, um se allentou mais veementemente, dizendo que não podia ser, que era muito cedo e alegando que seria muito difficil os alunos comparecerem áquella hora, porque deitando-se tarde, quando iam por exemplo ao teatro, não poderiam de certo vir tão cedo para as aulas.

O lente, procurando harmonizar as coisas, estranhou contudo o argumentum e perguntou:

—Mas o senhor vai todas as noites ao teatro?

Então um outro aluno, até então calado, declarou com toda a seriedade, referindo-se ao que levantara o protesto e era um dos mais feios do seu curso:

—Ele vai todas as noites, sr. dr., porque é corista do Eden.

Perante o successo de gargalhada de semelhante explicação, o lente, rindo tambem, não teve outro remedio senão encerrar a aula e nunca mais propôr a pretendida modificação.

N. N.



Maior resistencia

contra todas as doenças das vias urinarias será obtida pelo uso dos comprimidos de Helmitol.

Não só estes comprimidos fazem desaparecer as dores d'essas doenças, mas desinfectam profundamente as vias urinarias. Em pouco tempo, a saúde volta. Tome

os comprimidos de Helmitol,

se quer libertar-se rapidamente dos seus padecimentos urinarios e da bexiga.



Os agentes patogenicos

na urina e em especial nas vias urinarias são a causa frequente de graves doenças e ameaçam constantemente a saúde e os órgãos internos. Combatendo-os evitam-se os perigos. Os

Comprimidos de
Helmitol



destroem as bacterias da urina, ao mesmo tempo que são bem tolerados pelo organismo. Com o seu emprego desaparecem o feneçimo, as dores e as urinas turvas. Com gosto são sempre tomados estes comprimidos devido ao seu agradável sabor. O nome «Bayer» garante o valor do preparado.

Consulte o seu medico.



DESSPORTOS

Os que andaram com as balisas às costas

Os segundos quartos de final do campeonato de foot-ball deram como resultado o empate de mais quatro clubes que terão de desempatar na quinta-feira. Não é um campeonato; é uma maçada!

O Belenenses conseguiu desembaraçar-se do Marítimo, mesmo á justa. Mais um passo para o calvário!

O Carcavelinhos bateu inesperadamente o Benfica. Mas parece que estava para haver o diabo a sete... Diz um grande diário:

—O árbitro, porém, troca um goal por um off-side... e estraga tudo. O publico insubordina-se, os jogadores maltratam-se e o árbitro passa a ter uma acção indesejável.

E sabem os senhores porque aconteceu isto tudo? Porque o goal anulado foi metido pelo Benfica e... o crítico... enfim... é uma pessoa que não antecipa muito com... o vermelho!

Quem foi o valente que se pro-

clamou a si proprio:—técnico de automoveis?

O grande acontecimento da semana desportiva foi, indiscutivelmente, a inauguração oficial da nova sede o Automovel Club, pelo Chefe do Estado.

Festa brilhante, reunindo os elementos official e mundano — não pode fornecer a esta secção elementos de humorismo. Mas é uma esplendida oportunidade para que o *Fixe* dê um hurrah! pela Direcção do A. C. P.

Quais serão as bases técnicas do novo técnico de automoveis?

É incalculavel o numero de pessoas que, nos tempos heroicos do foot-ball, andaram com as balisas às costas!

Nunca imaginei que o foot-ball tivesse tão grande numero de pais putativos! E' perfeitamente farrasista!

Tenho ouvido gabarem-se de

proeza. Individuos que pela sua evidente mocidade só podiam estar agarrados ao biberon enquanto os Pinto Basto davam «shoots».

E estes herois das balisas às costas fazem-me lembrar os da revolução republicana. Eram 50 na Rotunda e chegaram 5000 ao Terreiro do Paço.

Os do foot-ball eram um quartelão mas já passaram de milhar.

Mas ao menos os revolucionarios tinham que ter um atestado. Quem lhes passava o papel era o bom do Machado Santos — incapaz de dauidar d'alguem.

Pois nós propomos o mesmo para os herois das balisas às costas. Tem que possuir um documento que pode ser passado, por exemplo, por Pinto Basto e... ateste que o detentor desempenha de facto com eficiência a sua função, o cargo de galego.

Será verdade que a tecnica do novo técnico de automoveis foi

adquirida entre o deve e o haver?

Houve quem se espantasse muito com a média de 104 quilometros á hora, realizada pelo vencedor do Quilometro de Arranque.

Ora o melhor tempo realizado nessa prova por um Bugatti TRES litros é 29 s. 02 ou sejam mais de 124 á hora (dezenbro passado).

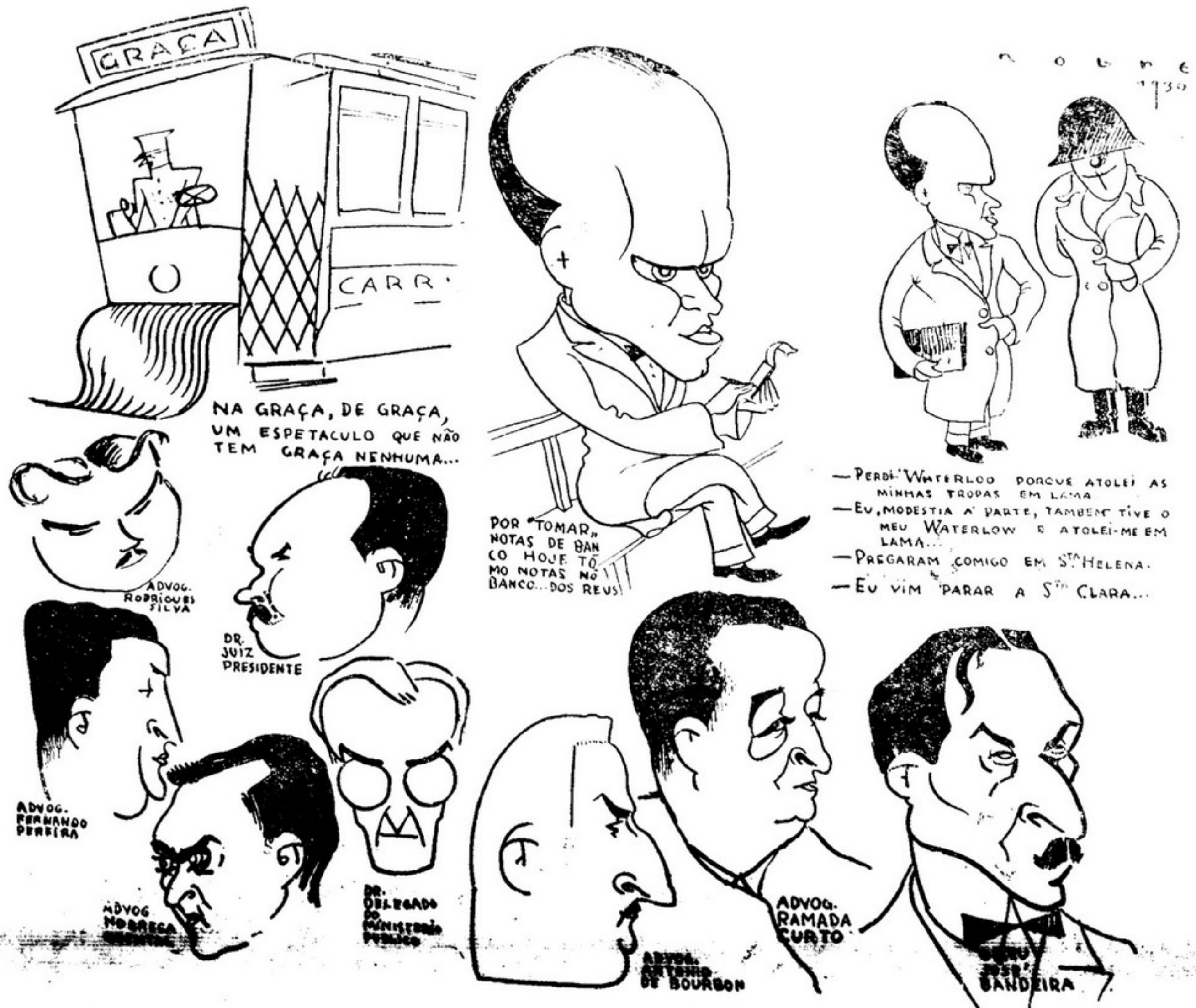
E quere o leitor ri-se um bocadinho? leia o resto.

Um Bugatti só com dois litros, ou seja um carro da classe do de Abilio Nunes dos Santos, fez em agosto passado um tempo de 27 s. 925, ou seja mais de 130 á hora!!!

Será verdade que o novo técnico de automoveis não sabe quando um carro com 2 ou de 3 litros...

REBOLA-A-BOLA

Do Banco das notas ao Banco dos reus



NA GRAÇA, DE GRAÇA, UM ESPETACULO QUE NÃO TEM GRAÇA NENHUMA...

POR "TOMAR" NOTAS DE BANCO HOJE TÔ MO NOTAS NO BANCO... DOS REUS!

— PERDI WATERLOO PORQUE ATOLEI AS MINHAS TROPAS EM LAMA.
— EU, MODESTIA A PARTE, TAMBEM TIVE O MEU WATERLOW E ATOLEI-ME EM LAMA...
— PREGARAM COMIGO EM S. HELENA.
— EU VIM PARAR A S. CLARA...

ECOS DA SEMANA

sempre

fixe

4 anos

EU VI!

- I - O "SEMPRE FIXE" A RODA DOS 4 ANOS
- II - UM PAU DE FIOS CARUNCHOSO QUE NÃO CAIU AINDA POR ESTAR NA RUA DO PATROCÍNIO
- III - "SANTA JUSTA EM OBRAS"
- IV - ALVES DOS REIS CANONISADO
- V - OS "ECOS DA SEMANA" FAZEM DUAS PRIMAVERAS
- VI - OS ESTUDANTES ESPANHÓIS A CHEGAREM (UNS NOS OUTROS).
- VII - O MARQUÊS A FAZER ANOS EM BARDA
- VIII - BEETHOVEN A FUGIR DA ROMANCA QUE A T S F LHE REPRODUZIU NO SÁBADO
- IX - O SUCESSO DO I SALÃO DOS INDEPENDENTES DE V. EXAS



I SALÃO DOS INDEPENDENTES NÃO NA BRNETES NA CASA